

AS BALEIAS DO SAGUENAY



As baleias do Saguenay

João Batista Melo

Prêmio Cidade de Belo Horizonte
Prêmio Paraná



© Moinhos, 2019.

© João Batista Melo, 2019.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Sérgio Ricardo

Nesta edição, respeitou-se o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M528b

Melo, João Batista de

As baleias do Saguenay / João Batista Melo.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

112 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-65-5026-023-1

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

2019-1709

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Contos 869.8992301

2. Literatura brasileira: Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br | contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

- 13 As baleias do Saguenay
- 27 O caminho das Índias
- 37 A lanterna mágica
- 45 FC
- 53 Depois do crepúsculo
- 63 Retratos de uma paisagem
- 73 A moça triste de Berlim
- 81 O homem que fraudava latas
- 89 Os caminhos do vento
- 101 Uma voz



Para Maria do Carmo e Aline.

E à memória de meus pais, Maria de Lourdes e Benedito.



*Agradeço a Ronaldo Cagiano,
Roberto de Sousa Causo
e Richard Zimler
e à música de Bruce Broughton.
Cada um deles contribuiu, de alguma forma,
para que este livro estivesse aqui agora.*



Era feito daquela substância impalpável que geralmente se chama fábula ou ilusão; ainda que fosse verdadeiro.

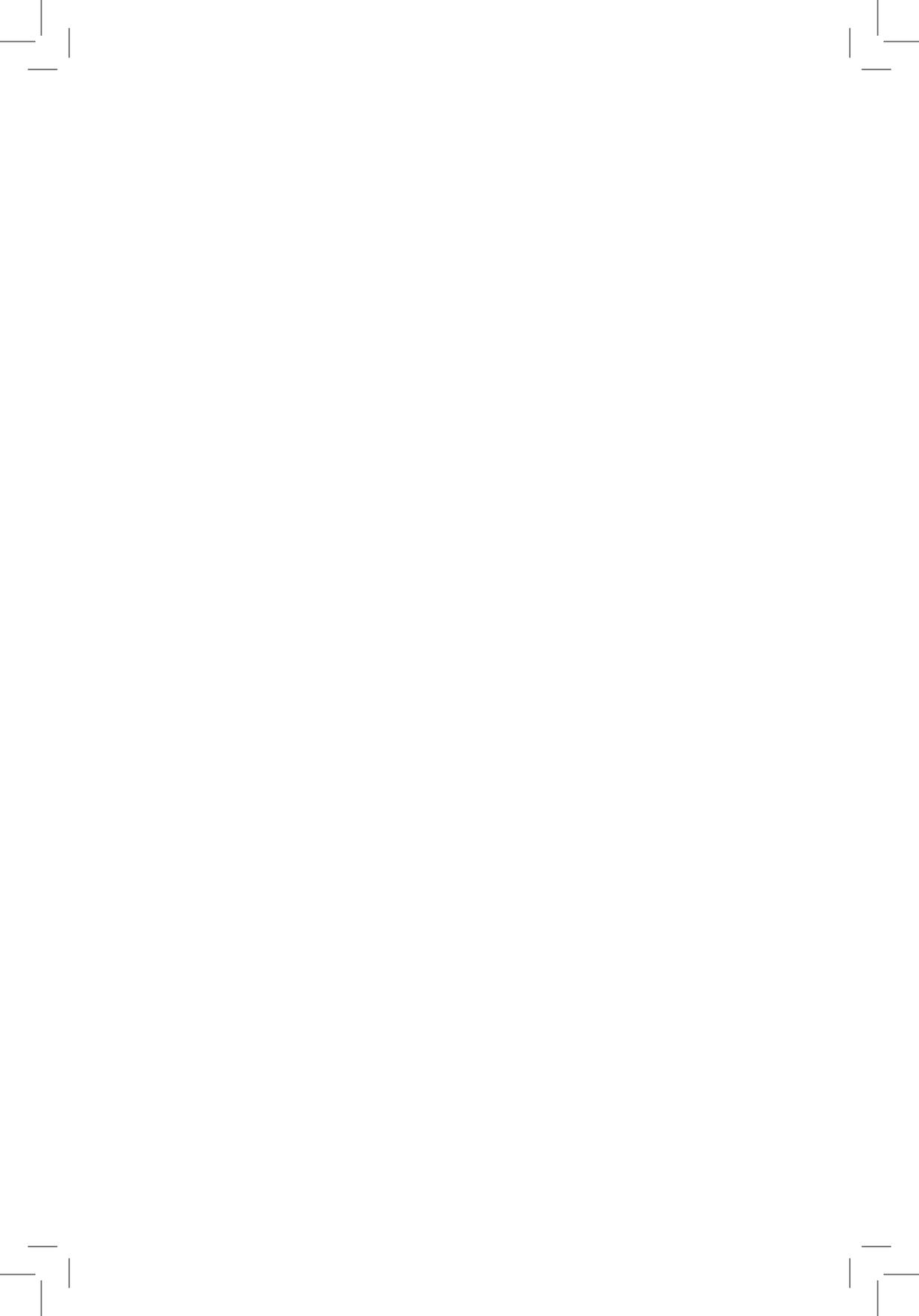
Dino Buzzati, O Bicho Papão



AS BALEIAS DO SAGUENAY

*Segue os navios. Segue as rotas que sulcam as tristes e gastas
embarcações. Não para. Evita até o porto mais humilde.*

ÁLVARO MUTIS, A Neve do Almirante



Papai não ameaçou se matar. No bilhete largado sobre a mesa da sala, apenas se despediu num tom carente de amargura. Sem referências à doença terminal, informou-nos que simplesmente resolvera partir.

O alerta da empregada me encontrou dormindo. Tateando na penumbra do quarto, vesti-me como pude e saí ao encontro da mulher alarmada. Dei uma rápida olhada no bilhete e comecei a telefonar para amigos, irmãos e tios. Despertei alguém de plantão na polícia, procurei em vão nos maiores hospitais.

A situação toda era incompreensível. Eu não podia imaginar papai saltando de uma janela no último andar de algum prédio. Nada de forcas ou tiros, ele nem ao menos tinha um revólver. Seu amor pela vida não lhe permitiria eliminá-la, mesmo sabendo que permaneceria pouco tempo com ela. Apanhei o papel outra vez e o reli com atenção. “Não se preocupem comigo. Estarei bem onde estiver. Vou me encontrar com um sonho”.

A última frase desesperava. Meus irmãos foram chegando com o avançar da noite, e um por um enlouqueceu com a perspectiva da morte de papai. Apenas eu tateava os pensamentos à procura de alguma explicação lógica. Abri as gavetas da estante, folheei livros e rascunhos de cartas. Mexi na agenda, investiguei o bloco ao lado do telefone, descobri um velho diário cuja leitura rápida não teve maior serventia.

Desanimado, espichei-me no sofá e olhei para o retrato de mamãe sobre a mesa. De certa forma, posso dizer que cheguei quase a rezar para que ela me inspirasse. E, coincidência ou não, a explicação estava bem ao lado dela, no outro porta-retratos. Era a foto velha e desbotada de uma pequena baleia. Impresso embaixo, um nome que naquele momento me soou como magia: Tadoussac.

Nas primeiras horas da manhã, liguei para o aeroporto. Somente daí a dois dias haveria passagens disponíveis, e além disso

eu precisaria enfrentar a via sacra dos vistos de entrada. Mas a lista dos passageiros confirmou que papai já estava a caminho do Canadá, literalmente voando ao encontro de seu sonho.

O avião passava sobre as florestas das Laurentides. Colando o rosto à janela, papai admirava as folhas coloridas por um arco-íris fragmentado. Um mosaico imenso em tons de amarelo, vermelho, laranja e verde. O passageiro ao lado esticava o rosto curioso na direção da janela.

– Bonito, hein? – ele comentou.

– São como eu me lembrava. – Papai não conseguia afastar os olhos daquele crepúsculo convertido em folhas. – Não há outono como em Quebec!

– O senhor já veio aqui?

Papai já estivera lá. Foi quando conseguira a foto da baleia. Na época ele trabalhava como engenheiro de uma indústria química. A mesma fábrica que legara-lhe a doença que agora o devorara. Viajara para visitar indústrias na região americana dos Grandes Lagos e terminara por conhecer boa parte da província canadense de Quebec. Ele sempre me falava do povo gentil com que conviveu, das belas paisagens que viu. Gatineau, Baie-Saint-Paul, Champlain, Saint-Laurent. Nomes cuja misteriosa sonoridade embalara muitas vezes meu sono quando criança e que agora me voltavam à mente ao pensar em papai voando para Montreal.

As folhas chegaram mais perto, as cores perdendo a irrealidade da distância, e o avião correu pela pista do aeroporto. Logo em seguida papai já avançava na fila da imigração. Tenso, temia ter a doença flagrada pelos canadenses e se ver assim obrigado a voltar para o Brasil. Distraiu-se olhando as esculturas na platibanda próxima do teto, ao longo de todo o salão: bonecos com formas humanas caminhavam, andavam em bicicletas, abriam guarda-chuvas. De alguma forma eles transpareciam vitalidade,

uma sensação que inevitavelmente lhe angustiava. A mulher no guichê então o chamou. Chegara a sua vez.

A cabeça envolta por gorros e cachecóis, os óculos escuros vedando as olheiras, ele tentava ocultar a debilidade numa armadura de panos. O frio intenso justificou os tremores, um esforço deu firmeza à voz que respondeu à fiscal, e em poucos minutos ele já seguia com as malas para o ponto do ônibus que o levaria à cidade.

Dormiu uma única noite em Montreal. Não saiu do hotel, não viu os prédios envidraçados de azul, verde e amarelo espelharem a lua tardia. Na manhã, alugou um carro e seguiu para o norte, ladeando o curso do Saint-Laurent. Passou direto pela cidade de Quebec e seu castelo. Embrenhou-se por vilarejos coloridos pelo outono, contemplando a quase infundável largura do rio. Parou algumas vezes no caminho para recuperar as forças e ficou olhando as ondas vibrarem a superfície das águas. Não conversou com ninguém no trajeto. Não eram as pessoas que lhe interessavam naquela jornada solitária.

Papai sempre gostou de animais. Não que os preferisse aos humanos. Mas guardo lembranças iguais de gestos seus tanto para com os cães quanto para com os homens. Houve uma vigília noite afora, papai olhando pela vidraça da cozinha, a nossa cadela no terreiro se refazendo de um parto quase mortal. E me lembro de uma noite de chuva, papai carregando as crianças de um barraco que ruíra na favela vizinha à nossa casa.

Essas recordações me inquietavam, pois delas traduzia que já não esperava rever papai. E assim passei um dos mais tensos dias de minha vida. Já que não existiam passagens, acabei por ir para o escritório. Mas lá os telefonemas da família foram insuportáveis. Ouvi choros e confissões de irmãos que se culpavam de negligenciar papai. Todos desesperados, supondo papai um suicida. Eu nem sequer cogitava mais essa hipótese, mas por outro lado não tinha certeza das suas intenções ou muito menos de seu destino.

Além disso, eu não sabia se ele resistiria à viagem e nem como conseguiria se virar doente em um país estrangeiro. O médico se recusara a prever sua sobrevida. Por isso eu temia que os dias sem passagens me impedissem de voltar a ouvir papai contando histórias do passado, falando de um rio que corria como um mar preso no continente.

O Saint-Laurent ficava maior à medida que papai seguia adiante. Dali até a gigantesca foz, muito mais ao norte, ele iria se abrindo cada vez mais, deixando-se invadir pelas águas do mar.

Naquela noite, papai dormiu num hotel em Saint-Irénée, uma pequena cidade às margens do rio. Antes saiu caminhando pelas poucas ruas, parou no início do comprido cais e se assentou no muro de contenção. Ouviu o som das águas, pensando na vida que tivera. Lembrou-se de mamãe e de um relacionamento longo e plácido como o rio que agora corria à sua frente, quebrado somente quando ela falecera, muitos anos antes. Lembrou-se de nós, julgando um milagre que tivesse conseguido criar uma família diante da qual podia se orgulhar, não pelo que conquistara ou pelos escassos bens que lhe legava, mas apenas por terem trocado juntos experiências de humanidade.

Na manhã seguinte levantou cedo e pegou a estrada. Ansioso, temia que algo o impedisse de encontrar o que procurava. Mas não foi a doença que o atrapalhou e sim o nevoeiro. Os traços embranquecidos preencheram o ar logo depois da chegada ao ponto onde se embarcava na balsa. Naquele trecho onde a estrada se interrompia, o Saint-Laurent recebia as águas do rio Saguenay. Porém papai mal o viu por trás das manchas de neblina.

A travessia foi lenta, a balsa cega sem encontrar os encaixes na terra, mas pouco depois papai já estava novamente na rodovia. E ali, do outro lado do Saguenay, já era Tadoussac, e papai, enfim em seu destino, buscou um hotel próximo ao porto. Dormiu, refazendo as poucas forças que ainda tinha. Acordando, procurou

uma agência de turismo e aliviou-se ao saber que as excursões não haviam terminado. Contudo naquele dia sairia a última delas. Comprou um bilhete e aguardou impaciente a partida do barco.

Quanto a mim, negaram-me o visto de entrada. Ou melhor, condicionaram-no a uma entrevista pessoal que me obrigou a mudar o dia da viagem. Passei a tarde vagando pela Avenida Paulista, à espera do momento de conversar com o funcionário do consulado. Andando sem rumo naquele cânion de edifícios, senti papai mais distante que nunca. Desejei a utopia do fim dos muros, a abolição de todos os vistos e passaportes. Continuei a me lembrar de papai, seu desacato às noções de nacionalidade. Os animais não têm pátria, ele costumava dizer. Perguntei-me como ele conseguira o visto, franzino e trêmulo, transparecendo a enfermidade em cada gesto.

O piloto do barco notou o evidente mal-estar e se ofereceu para chamar um médico, sugerindo que papai desistisse do passeio. Ele recusou e foi assentar-se na parte coberta da embarcação. Debruçou a cabeça entre os joelhos, tentando recuperar-se. Acabou chamando a atenção da mulher ao lado, que lhe ofereceu um comprimido contra enjoo. Ele sorriu e por delicadeza tomou o remédio. Deitou a cabeça no espaldar do banco e começou a ouvir as explicações do guia. Navegaram até o meio do Saint-Laurent e então deram início à caçada.

Papai saiu para o convés. O frio se espalhava, onipresente, invadindo agasalhos, cortando as mãos e o rosto. Alguns poucos turistas desafiavam o clima do lado de fora da cabine. Conversavam em pequenos grupos, admirando o pouco que se podia ver do rio. Aliás não havia o rio. O rio era a neblina. Uma mancha fantasmagórica rodeando o barco, deixando somente uma ilha de visibilidade. Foi naquele pequeno círculo de água visível que a atenção de todos se concentrou quando o guia avisou que o sonar detectara algo se movendo para estibordo. Os demais pas-

sageiros afloraram para o exterior, câmeras apontadas, supérfluos binóculos colados ao rosto.

A embarcação acompanhava a coisa que se movia nas profundezas do rio. Alguém deu lugar para papai se apoiar na balastrada. Mas antes que ele tocasse no metal do corrimão, algo explodiu ao lado do barco. As águas voaram para cima, enquanto na superfície irrompia o corpo de uma baleia acinzentada. Enorme, ela flutuou um rápido instante para mergulhar em seguida.

Papai tremeu violentamente, desta vez de emoção, e não desgrudou os olhos da baleia que voltou a surgir metros à frente e depois atravessou a água como uma agulha sobre um pano, entrando e saindo, entrando e saindo, até desaparecer na neblina. O barco tentou acompanhá-la, porém não foi ágil o bastante e logo recomeçou a busca, vasculhando o fundo do leito à procura de novos animais.

Papai limpou as gotículas da face. Sentiu o leve sabor de sal e se perguntou o que mais haveria naquela pequena gota. Decerto um pouco de todas as coisas que navegavam suspensas no rio. Toneladas de pesticidas, de chumbo e mercúrio, de cromo e alumínio, muitas delas lançadas nos afluentes dos Grandes Lagos há mais de vinte anos. Papai me contara que o governo proibira o despejo de dejetos no Saint-Laurent e empreendera vários projetos para despoluir o rio. Mas o passado era imenso e as suas toxinas ainda resistiam, descendo pelo Saint-Laurent até o mar.

Outra baleia se estendeu nos limites do nevoeiro. Soprou uma fonte antes de mergulhar. O barco se moveu de novo perdido, o sonar garimpando o leito para cima e para baixo. Mais duas grandes baleias teceram um balé entrelaçado. Então veio a quietude por algum tempo. O frio se intensificou. Papai olhava para os lados, tentando discernir alguma coisa entre as teias de névoa que progressivamente se adensavam. Ficara fascinado ao reencontrar as baleias, mas o objeto de sua procura ainda não surgira. Inquieto, perguntou ao guia.